

turno da tarde) – pela oitiva dos podcasts em sala e pela análise dos assuntos inseridos neles, esta promovida por textos de apoio, em sua maioria, informativos.

Como sou formada em Letras e detentora do cargo de Professor I de Língua Portuguesa, ministrando à época essas aulas voltadas para a prática de leitura, busquei levar a noção de podcast – como arquivo digital em áudio – para o campo da gramática textual. Antes de discorrer acerca do trabalho em sala de aula, vou expor a seguir, brevemente, com que pressupostos teóricos trabalho, quais autores e correntes linguísticas fazem parte da minha formação e atuação.

A maioria dos trabalhos a respeito de Gêneros Textuais remetem a Bakhtin (1997), cuja teoria se baseia nos usos da linguagem, considerando de grande importância, no processo de comunicação, os interlocutores ou usuários da língua (numa visão funcional da linguagem), os quais contribuem sobremaneira na construção de sentido do enunciado. Desse modo, vê-se que o autor defende uma concepção dialógica da linguagem.

Outro estudioso do tema merecedor de menção é Marcuschi (2008, p. 155), sua definição de gênero textual apregoa que são textos da nossa vida diária que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Ele defende um estudo dos gêneros, já que são neles que os tipos se realizam, ocorrendo, em muitos casos, a presença de dois ou mais tipos num mesmo gênero.

Já em relação ao tipo textual, o mesmo autor afirma que o tipo é uma construção teórica cuja composição é de natureza linguística

(aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Essa noção é limitada, abrangendo cinco categorias: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção, categorias essas que são designações para sequências típicas, mais do que textos concretos e completos (MARCUSCHI, 2010, p. 23). Tendo minha formação baseada no aparato teórico da corrente do Funcionalismo Linguístico, busco trabalhar os estudos de língua levando em conta que as propriedades morfossintáticas nascem do discurso; ou seja, para o trabalho de análise em sala de aula, há de se unir a forma à função. Sendo assim, acredito que tanto o estudo de gêneros textuais, quanto o de língua devem ser amparados em aspectos funcionais e pragmáticos. Sabe-se que a forma linguística é especial, recorrente em dado gênero, mas ela muitas das vezes é selecionada em decorrência do objetivo/propósito sociocomunicativo/discursivo. “A forma assumida por uma palavra ou expressão é reflexo de sua função num contexto de uso particular” (DECAT, 2012, p. 151).

Marcuschi também colabora com a ideia de domínio discursivo: uma esfera social ou institucional (jurídica, jornalística, política, científica, publicitária, instrucional, militar, familiar, lúdica, etc.) na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão; “uma instância de produção discursiva ou de atividade humana” (MARCUSCHI, 2010, p. 24-25).

Em sala, toda essa teorização – que fica “oculta” para o aluno, apenas povoando a mente do professor – deveria vir à tona com segurança e conhecimento: o professor sabendo reconhecer a diferença entre tipos textuais e gêneros textuais; sabendo reconhecer que toda interação verbal ocorre por meio de um gênero o qual está circunscrito num contexto histórico, social e cultural.

Todo esse aparato teórico é (ou deveria ser) materializado se partindo dos textos e sendo mostrado ao grupo a que eles servem, a que propósito comunicativo, além de chamar a atenção para os elementos da comunicação envolvidos no ato – emissor/receptor/canal/mensagem/etc (sem a preocupação aqui, nem lá – na sala – de categorizar esses termos de uma única forma, ou seja, com base em uma só corrente linguística).

Fundamentada no que foi exposto acima, busquei trabalhar com os alunos das turmas, envolvidos ou não no projeto, os conteúdos de Tipos Textuais e de Gêneros Textuais. Com o intuito de tornar a apreensão dos conceitos mais didática, mostrei ao grupo que os textos – no sentido lato sensu (texto verbal, não-verbal e misto) – apresentam diferenças tanto no que diz respeito ao assunto, quanto às formas linguísticas empregadas e ao sentido global. A ideia, longe de ser a de mera classificação, se aproxima a de tentar fazer, ver, entender, através de noções básicas a respeito do tema, com direito a um esquema “simplista”, com vistas ao didático, conforme se observa a seguir:

Figura 1



Fonte: Disponível em: <https://www.significados.com.br/generos-textuais-o-que-sao-e-tipos/>. Acesso em: 17 fev. 2024.

Numa visita ao Instituto NUTES/UFRJ, ocorrida em 2023, foi exposto o conteúdo acima, o qual era desenvolvido nas aulas, com o objetivo de fornecer subsídios para que os alunos pudessem:

1. Entender o podcast como um gênero textual moderno/midiático cujo suporte é a rádio digital, nomeada Web rádio Fala Madrid;
2. Pensar e desenvolver diferentes modalidades de podcasts, tais como: podcast narrativo; de entrevista; de painel; híbrido (com mais de um tipo/formato); entre outros.

Classificar textos não é uma tarefa fácil e passa longe de ser o objetivo do estudo de língua e de prática de leitura. O escopo do estudo de tipos e gêneros textuais é fazer o aluno se apropriar da ideia de que a língua é dialógica, construída no dia a dia, num contexto social, envolvendo seus usuários – estes inseridos numa mesma esfera social. Acreditamos, tal qual Bakhtin (1997), na importância de todos os envolvidos no ato comunicacional – todos os usuários da língua são partes importantes na sua construção.

Além disso, nas aulas, através dos áudios feitos pelos alunos, puderam-se explorar as características de cada modalidade da língua: a escrita e a falada. O gênero discursivo oral podcast transita entre as duas modalidades, por conta de duas particularidades nele presentes: a elaboração de roteiro (gênero escrito) e a sua estaticidade e permanência, já que ele não “some” (como quando falamos, num diálogo ou quando apresentamos um trabalho, um seminário), ele fica registrado na plataforma hospedeira – Instagram. A partir daí, os alunos sentem a necessidade de “caprichar” na seleção de ideias/palavras/sentenças e na entonação, no momento da gravação.

Junto a isso, foi trabalhada a ideia de língua não-estática, isto é, dinâmica e funcional. Com a noção de que existe um norte – a gramática tradicional –, mas existe também uma gramática funcional, do uso, pois a língua é viva. Embora possua um aparato teórico mais rígido, no âmbito discursivo e dependendo do contexto situacional, a língua, na realidade discursiva, consegue subverter o rigor da norma culta. Tal mecânica aplicada aos textos seria como dizer que existem tipos e gêneros previsíveis, prototípicos, fixos, mas há também aqueles que surgem das necessidades do contexto; outros que são adaptados e há até os que são misturados (híbridos).

Marcuschi (2000, p. 7) faz a distinção entre classificação e tipologia. A primeira se refere a classes de textos, que “distribui gêneros textuais enquanto artefatos linguisticamente realizados, mas de natureza sociocomunicativa e sempre concretos”. A segunda se refere aos tipos de textos, ou seja, “um conjunto limitado, teoricamente definido e sistematicamente controlado de formas abstratas e não artefatos materiais”.

Bakhtin (1997, p. 279) afirma que cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso ou gêneros textuais.

Sendo assim, podemos didaticamente afirmar que os tipos textuais são limitados e funcionam como a matéria-prima, a base, para a elaboração dos gêneros textuais (o produto/o bem/a mercadoria), isto é, o gênero entrevista – muito utilizado como formato de veiculação do conteúdo de podcast – foi constituído com o tipo textual (matéria-prima) expositivo/exposição.

Pude experienciar que o projeto da Web rádio proporciona ao Professor de Português ou de Círculo de Leitura explorar o universo

dos textos, dos gêneros textuais e sua caracterização – dada por Bakhtin (1997) – pela tríade (a) conteúdo temático (assunto), (b) estilo (recursos linguístico-expressivos) e (c) construção composicional (o todo, o modo de organização do texto).

O Professor pode abordar e aprofundar o conteúdo temático selecionado para estudo e elaboração dos podcasts, assim como fazer o aluno avaliar quais tipologias e gênero estariam mais de acordo com o que se quer divulgar. A mesma dinâmica pode ser feita em relação ao estilo e à construção composicional: levar o aluno a conseguir selecionar as formas linguísticas mais adequadas ao gênero escolhido pelo grupo para se veicular o tema/assunto, assim como fazê-lo ser mais eficiente na organização dessas formas, dos enunciados.

Todo esse mecanismo de propósito comunicativo, feitos os devidos ajustes nos elementos do contexto discursivo ou situacional/comunicacional, pode fazer parte do trabalho do Professor de língua portuguesa ou de leitura junto aos podcasts.

1. A presença de uma rádio digital, fomentada por uma instituição de ensino superior federal se traduz, para os estudantes, “num fazer ciência” já no ensino fundamental e, para os professores, “num fazer parte” da Academia e, com isso, a escola se destaca como parceira de uma Universidade, tornando seus alunos participantes proficientes em diversas áreas de estudos, incluindo os quesitos: Seleção/recorte de tema/assunto;
2. Criação de roteiro;
3. Definição de formato;
4. Gravação.

Todas essas etapas de elaboração de um podcast desenvolvem nos estudantes a leitura, a escrita, a oralidade; além de estimulá-los

ao trabalho em grupo, em equipe – habilidade muito requisitada e valorizada no mercado de trabalho atualmente.

Outra vantagem do projeto para as aulas de Português/Leitura é o docente poder dispor de material diverso do tradicional (livros e apostilas). Quando o Professor lança mão de um recurso do século XXI, ao qual boa parte dos alunos têm acesso – como rede social –, torna o processo de ensino/aprendizagem mais dinâmico.

Para finalizar, vale destacar outro ganho do projeto, não menos precioso, a possibilidade de entrosamento entre professores de diferentes áreas, trocando ideias e materiais acerca da matéria eleita pelos estudantes para a produção do áudio.

De volta ao aluno, nosso foco; o trabalho interdisciplinar revela a ele que o conhecimento não é estanque, que as disciplinas estão agrupadas separadamente por uma questão de organização e método de pesquisa e estudo, por uma razão didática, no entanto, as ideias, as pesquisas, os conteúdos se interligam, “uma coisa puxa a outra”; “uma coisa leva a outra”. Todo (o) estudo é importante e valioso, tudo o que se faz na escola, principalmente, no campo do ler, do pensar, do propor, do debater, do consignar, desenvolve habilidades e competências, voltadas tanto para o desenvolvimento de estudos futuros, sejam acadêmicos ou técnicos; quanto para a inserção no mercado de trabalho; ou mesmo para a realização das tarefas simples ou complexas do cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto entra em seu terceiro ano e resulta em práticas que beneficiam todos os envolvidos. Impacta diretamente no interesse do adolescente em estar no espaço escolar, no aumento de sua

autoestima e da autonomia em ser protagonista e multiplicador de conhecimento. Tal ação impacta da mesma forma, positivamente, professores e pesquisadores, que além de aprenderem a explorar novas linguagens, precisam solucionar problemas que se apresentam em cada uma das etapas das produções, convivem com os estudantes em tarefa extraclasse, propiciando um vínculo sólido de troca mútua. Assim, ocorre uma dinâmica de constante transformação e evolução.

É correto afirmar que, apesar de estarmos inseridos em um mundo digital, onde a escola pública possui, muitas vezes, as ferramentas tecnológicas, que fazem parte do cotidiano das aulas, a utilização dessas tecnologias ocorre de maneira insuficiente. Um imenso desafio é que os profissionais de Educação tenham uma formação continuada para se apropriarem da tecnologia e ferramentas oferecidas, inserindo-as na prática pedagógica. O incentivo à ampliação dessa formação acarretaria a melhoria de experiências bem-sucedidas e é uma necessidade urgente. O investimento governamental torna-se fundamental para estimular uma transformação que levaria a uma construção cada vez mais consistente do conhecimento e à possibilidade de desenvolver o potencial criativo de todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Nessa experiência da Web rádio, percebemos que a escola pública, bem como a Universidade Pública, ganham sempre quando o assunto é fortalecer seus laços produzindo conhecimento com abordagens mais dinâmicas e interativas. No projeto cujo objetivo é proporcionar um maior protagonismo dos alunos nas ações referentes à construção do conhecimento, percebemos o quanto essa afirmação é verdadeira. Temos uma grande satisfação em perceber nos nossos adolescentes a alegria, a capacidade e o

empenho em estabelecer grandes metas para estudo e aprender de maneira diferente e de forma mais significativa sobre assuntos importantes para a sua formação.

Sabemos que é um pequeno passo, e que muitas outras ações significativas são desenvolvidas diariamente por profissionais comprometidos dentro de todas as redes de ensino de nosso país. Mas percebemos que, dentro de tantas limitações que encontramos ao longo de nossa jornada, a parceria se mostra constantemente fecunda, positiva, produzindo uma prática que restaura a utopia de uma Escola dialógica e igualitária.

Embora sejamos uma escola cujo corpo docente se mostra colaborativo e empenhado, precisamos – nós professores – inscrever a Web rádio na nossa prática de ensino diária, lançando mão dos assuntos nela dispostos para a motivação das aulas e desenvolvimento do conteúdo programático. Muita resistência ainda todos nós precisamos vencer, ultrapassar a ideia de que necessitamos ter um papel na mão para entrar em sala de aula, isto é, dispor de um gênero escrito para com ele estimular a prática leitora. Precisamos tentar limpar a ideia do visual, do concreto, do palpável; precisamos treinar o ouvir, o conhecer sem ler – num primeiro momento.

É fundamental iniciarmos uma reflexão sobre os limites e continuidades entre o oral e o escrito. Os gêneros discursivos orais devem passar a ser mais trabalhados em sala de aula, visto que ganham vida também a partir de um processo social, cultural, histórico.

Nesse sentido, devemos “ir à rádio”, visitar o projeto da nossa escola, levar para a sala de aula apenas uma caixa de som. Os podcasts lá presentes darão conta de expor assuntos relevantes para as aulas e num tempo compatível com o da sociedade da prensa, trata-se de

áudios curtos. A partir da escuta atenta, da noção de que o material usado em aula foi produzido pelos alunos da escola, a atenção se transforma, muitos dos colegas se interessam.

Pode-se partir do assunto exposto oralmente para diferentes tipos de atividades: da consignação dos detalhes a respeito do tema (atividade de escrita); da seleção de textos que aprofundem ou tangenciem o assunto (atividade de leitura); da propositura de debate a respeito do tópico (oralidade/argumentação). Na área da ciência exata, talvez os dados no tocante ao conteúdo do áudio possam ser apresentados por meio de gráficos e tabelas. O importante é que temos a ferramenta, dialogamos com uma universidade renomada e somos educadores e usuários da língua compreensíveis de que precisamos apresentar para os nossos alunos as regras gramaticais, ver a gramática tradicional como nossa aliada, já que ela segura/protege as mudanças que ocorrem no âmbito do discurso, se assim não o fizesse, a língua mudaria numa velocidade tal que não conseguiríamos nos comunicar com eficiência.

Além disso, sabemos que o texto é nosso companheiro na formação do leitor, faz-se necessário o deixar ler sem critérios pré-definidos, combinado ao ler com a seleção feita pelo professor: ora de acordo com a realidade da turma, ora em consonância com o ano/série e faixa etária. Sempre com o propósito de fazer o estudante ter contato com diferentes gêneros textuais portadores de diferentes propósitos comunicativos e pertencentes às esferas literária e não-literária.

Finalizando, além de todo o exposto, o domínio da noção de contexto situacional/discursivo torna o aluno proficiente na leitura/interpretação/escrita. É uma noção quase que igual ao “ter bom senso na vida”, nesse caso, você o adquire observando, experienciando,

sendo exposto às situações do dia a dia. Na esfera linguística, adquire-se a noção de contexto – do que empregar, onde, como, pra quem, através de que gênero (bem resumidamente tratando) – tendo acesso a uma grande e variada quantidade de gêneros textuais.

REFERÊNCIAS

- ALVERNAZ, Aline; SANTOS, Edméa. O Instagram como ambiente virtual de aprendizagem na formação de professores na cibercultura. In: *Revista internacional de Educação de jovens e Adultos*, n. 9, v. 5, p. 35-52, jan./jun., 2022.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Uma abordagem funcionalista para o estudo de processos linguísticos em gêneros textuais do português em uso. In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, n. 1, v. 8, 2012.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva. P.; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PEIXOTO, Reginaldo; OLIVEIRA, Eloisa Elena de Moura Santos. As mídias digitais no contexto da sociedade contemporânea: influências na educação escolar. In: *Revista Docência e Ciberultura*. Rio de Janeiro, n. 1, v. 5, jan./abr., 2021.

SANTOS, Edméa. Projeto de Pesquisa "A Ciberultura na era das redes sociais e da mobilidade. Novas potencialidades para a formação de professores". Rio de Janeiro, PROPED-UERJ, CNPq, 2010.